



O PATRIMÔNIO EM QUESTÃO: A OCUPAÇÃO DA ESTAÇÃO GUANABARA

Cultural Heritage in debate: the squatt of Estação Guanabara

Ivone Cecília D'Ávila GALLO¹

Resumo

Sem a intenção de esgotar o assunto, este breve artigo trata da ocupação da Estação Guanabara com o fim de contribuir para a inserção de novos problemas e abordagens na escrita da história. No caso, a ocupação de um edifício histórico por um grupo de *anarco-punks* que ali estabeleceram uma comunidade, traz à tona uma discussão extensa sobre as políticas patrimoniais, sobre a emergência de novos movimentos sociais e a relação entre poder público e comunidades. Finalmente, no esforço desta análise confronto os historiadores com os métodos do seu ofício e com o papel que desempenham socialmente enquanto profissionais.

Palavras-Chave: Anarquismo, Campinas, ferrovias, movimento punk, patrimônio cultural.

Abstract

With no intention to exhaust the subject, this brief article concerns the squatting of Guanabara Railway Station, in Campinas (Brazil), with the aim of contributing to insert new problems and approaches in the writing of History. More precisely, the squatting of a historical building by a group of anarcho-punks, where they established a community, brings up very important issues of debate on Cultural and social politics and on new social movements. Finally, through the effort to

¹ Professora e pesquisadora da Faculdade de História e do Grupo de História Regional, Centro de Ciências Humanas (CCH), PUC-Campinas.

undertake this analysis I intent to encourage a discussion about methods historians use to employ on their research.

Key words: Anarchism, Campinas, Punks, Railroads, Historical Heritage.

Quando fui convidada pelos colegas da Faculdade de História a tomar parte do projeto comum de pesquisa em história regional, pensei que talvez fosse interessante apresentar uma proposta de trabalho que enfocasse aspectos da construção da memória da cidade de Campinas. Eu pensei também, que esta preocupação inicial representaria uma chance de conferir um tratamento teórico a certos acontecimentos perturbadores por mim acompanhados, entre os anos de 2003 e 2004 os quais testemunhei de forma casual, como pessoa comum, que estabelece sua rede de sociabilidades, em suma, sem intenção de fazer deste testemunho um uso profissional. O tema que me proponho a analisar é a ocupação do prédio e do leito da estação Guanabara, outrora pertencente à Companhia Mogiana de Estrada de Ferro, por uma população heterogênea composta de sem teto, catadores de papel, subempregados, seus familiares e um grupo de anarco-punks que posteriormente, em meados de 2001, juntou-se à formação inicial. Estes últimos agregaram-se àquelas populações na intenção de realizar com os primeiros ocupantes um trabalho de cunho político e cultural.

A princípio, esta minha iniciativa de pesquisa talvez derive de uma leitura, um tanto conservadora, do que se convencionou chamar de história regional, isto é, a mera circunscrição do problema a um tipo de determinismo geográfico e/ou cultural. Apesar do risco que se corre em tentativas como esta, dirigidas ao resgate de um momento preciso da história de uma cidade, devo acrescentar que, neste caso, o assunto escolhido, por si só, é capaz de levantar polêmica acerca de uma gama enorme de questões apresentadas em vários domínios do conhecimento em história, algumas delas tratadas aqui, questões em suma, relevantes para o ofício de historiador. O que proponho, na verdade, é fugir um pouco da perspectiva de tipificação do campineiro, tanto quanto da construção de uma memória laudatória da cidade e de seus personagens ilustres, memória esta normalmente construída e estabelecida desde os marcos de fundação da cidade e congelada dentro destes parâmetros.

A minha tentativa será de inserir Campinas num contexto mais amplo de desenvolvimento do capitalismo e a partir dos embates sociais

contemporâneos re-trabalhar, no espaço urbano, os choques de identidades e confrontos políticos neste território delimitado. Enfim, a própria escolha do tema e o recorte contemporâneo, implicam, além disto, em uma reflexão séria sobre teorias e métodos convencionalmente adotados nas nossas pesquisas, uma vez que, o tipo de abordagem nos envolve, quase naturalmente, com os métodos da antropologia e da ciência política. Na verdade, toda esta iniciativa apareceria como uma grande presunção de minha parte não fosse pelo convite que faço aos companheiros de ofício a uma imersão em tentativas de novas formas de proceder a uma escrita da história contemporânea, iniciativa já adotada em outros países, mas ainda timidamente no Brasil.

Nos meios acadêmicos nota-se ainda, um desconforto quando o assunto é o estudo de temas do tempo presente, já que muitos, ainda, entre nós, condenam a possibilidade de uma historiografia que utilizasse como ponto de referência o nosso próprio tempo, pois uma iniciativa assim lhes aparece, no mínimo paradoxal, por versar sobre uma história que não seja passado, numa acepção rígida do termo. As críticas, entretanto, erguem-se sobre uma base de argumentos muito sólidos, dignos de nota. Um dos problemas normalmente alegados quando se intenta um trabalho historiográfico com temas contemporâneos, seria justamente a contemporaneidade de quem investiga com relação ao objeto de sua escolha. Na medida em que esta contemporaneidade implica num processo histórico temporal não concluído, corre-se o risco da não isenção de interpretação ou mesmo de uma impossibilidade em operar-se uma análise crítica e abrangente sobre o contexto. Uma compreensão mais global do acontecimento dependeria da superação do obstáculo interposto objetivamente de lançar-se sobre o tempo e o espaço um olhar retrospectivo.

O que nomeio aqui de compreensão global representa justamente, a expressão de um ponto de vista não daquele que está fazendo a história, portanto comprometido com ela, mas daquele capaz para analisá-la de fora e, deste lugar, tornar-se apto a ver e compreender o desfecho assumido pelos processos históricos. Mas, eu me pergunto: a partir de quando podemos considerar que um processo se conclua? No caso de admitirmos apenas como válida a dedicação a processos históricos em grandes dimensões, não estaríamos perdendo a historicidade dos fragmentos de macro processos e que, por sua vez, garantiriam uma

explicação componente? Será que, por outro lado, com uma noção de tempo tão acelerada como é a nossa na atualidade, não poderíamos nos interrogar sobre as temporalidades do tempo presente a exigir um tratamento historiográfico compatível? O certo parece que, ao evitarmos este debate, maior tem sido nosso prejuízo que o benefício, haja vista a dificuldade enfrentada pelos interessados em estudos sobre o século XX em diante, pois com o fim de comporem a produção para o período, vêem-se forçados a recorrer aos trabalhos oferecidos por nossos colegas da sociologia, antropologia, economia, etc., que conferem um tratamento às suas hipóteses a partir de metodologias específicas. Apesar disto, nossa contribuição neste amplo debate tem sido crescente, o que nos estimula a difundir temas e problemas com a especificidade do nosso enfoque de historiadores. Talvez a nossa pálida presença possa ser parcialmente explicada por uma limitação muito objetiva que é a proibição legal do acesso às fontes documentais mais atuais, pois envolvem questões políticas, diplomáticas e até de caráter pessoal cuja divulgação poderia trazer implicações indesejáveis, de caráter social, político, e, no que toca ao pesquisador, até mesmo legais.

Como o meu objetivo principal não é o de esgotar um debate historiográfico, mas simplesmente o de experimentar uma reconstrução teórica a partir de uma experiência meramente pessoal; encerro esta discussão e parto para a exposição dos resultados preliminares a que cheguei até o momento sobre a investigação da ocupação da Estação Guanabara e o papel desempenhado nestes acontecimentos pelos anarco-punks.

Ainda gostaria de salientar, que o texto ora apresentado não representa uma pesquisa já concluída, porém em fase de estruturação.



O nascimento da Estação Guanabara, seu declínio e sua revitalização

Sobre a história da implantação da malha ferroviária no Brasil, podemos dizer que teve início com o interesse do governo imperial nesse

investimento e, por isto, em 1835, cedia às companhias interessadas o privilégio de exportação, por 40 anos, se construíssem uma ferrovia ligando Rio de Janeiro a Minas Gerais, Bahia e Rio Grande de Sul. À parte o grande prejuízo social provocado ao longo do processo de instalação deste sistema, a sua plena implantação no Brasil só será concluída em 1890, quando o estado de São Paulo atingia, depois dos anos 70 do século XIX, um súbito desenvolvimento econômico e urbano, proporcionado, em grande parte, pela prosperidade atingida pela agricultura cafeeira do oeste paulista. Assim, em 1872, uma lei provincial deu origem à Companhia Mogyana de Estradas de Ferro e Navegação, com sede na cidade de Campinas. A aristocracia de então, exerceu um papel proeminente neste ramo de negócios. Os fundadores da Mogyana foram Antonio de Queiroz Telles (barão, visconde e conde de Parnaíba), os Silva Prado e outras famílias de grandes plantadores de café, de tal forma que, pretendiam contemplar interesses próprios com o transporte do produto e do gado.

Em 1º de março de 1893 é inaugurada a Estação Guanabara como alternativa para desafogar o movimento da estação de partida original, com ligação à Companhia Paulista. Treze linhas foram ali implantadas, sinal de um grande movimento na estação, coincidindo com o período de prosperidade vivido pela Companhia Mogiana nos seus primeiros cinquenta anos de existência. Na segunda metade de sua vida, a Companhia vai decair gradativamente, devido a crises financeiras, até ser encampada pelo governo do Estado de São Paulo, em 1952. Em 1971, foi incorporada pela Fepasa (Ferrovia Paulista S.A.), que privatizada em 1998, extingue suas atividades. A Estação Guanabara foi desativada mesmo antes disto, em 1974, e suas atribuições teriam sido transferidas, para a Estação Boa Vista, nos subúrbios de Campinas, estação esta de propriedade da antiga Companhia Paulista. Atualmente, o conjunto e suas instalações pertencem ao governo do Estado que, desde 1980, já pretendia estabelecer no lugar o Centro Cultural Estação Guanabara, mas acabou transferindo esta tarefa para a Universidade Estadual de Campinas e assinou com esta instituição, em 1990, um contrato de concessão do prédio por um período de 30 anos.

A parte mais antiga do edifício data de 1883 e está contida em 334 m². Em 1915, surgiu a *gare* inglesa, uma estrutura de ferro e vidro cujas dimensões atingem 1522 m² e que se encontra hoje, como o restante das edificações, quase completamente deteriorada pelo descaso e abandono. Em 1926, o edifício teria passado por reformas o que lhe confere o aspecto

atual, de inspiração *art deco*, em voga na época das intervenções. Desta data em diante nenhuma mudança mais significativa parece ter sido adotada para manter ou modificar o prédio e qualquer pessoa que se aventure a um passeio pela Estação Guanabara hoje, constata, sem dificuldade, o estado de ruína de suas instalações. Nem mesmo a Universidade Estadual de Campinas legalmente responsável pela guarda deste patrimônio, promoveu ações para preservá-lo nestes mais de 10 anos. Recentemente, o prédio foi tombado pelo Condepacc - Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Campinas -, porém esta medida de proteção nos pareceu inócua para o objetivo do resguardo deste bem cultural.

O estado de deterioração a que chegou a Estação Guanabara, e no qual ainda hoje permanece, simboliza, na sua forma atual, não apenas os primórdios do desenvolvimento do capitalismo no nosso país, mas uma herança perversa de miséria, abandono e descaso, uma memória viva apesar de indesejável. Porém, o que era objeto de desinteresse para o poder público, tornou-se alvo das expectativas de uma população pobre que viu a chance de encontrar um lugar onde morar. Como esta ocupação ocorreu, não sabemos, mas desde os anos 90 o espaço abandonado vinha sendo ocupado por grupos de sem teto. A este grupo, que em 2003 correspondia a aproximadamente 30 famílias, juntaram-se cerca de 30 punks e o espaço, antes abandonado, transformou-se numa comunidade com vida própria. Nos cerca de dez cômodos ocupados pelos punks foram sendo montados pouco a pouco, uma biblioteca, uma farmácia, salas de aula. A biblioteca formada com aproximadamente 600 títulos começou a ser montada em 2002, a partir de doações, e contava ainda com um computador, também doado, utilizado no controle dos empréstimos. Um outro cômodo abrigava uma farmácia natural com os medicamentos manipulados a partir de ervas cultivadas por eles próprios e administrados na forma de chás, pomadas e aplicados na cura das doenças dos punks e de outros membros da comunidade mais ampla. Não havia médicos ali, então os próprios punks munidos de um conhecimento popular sobre as plantas e da sua aplicação às doenças, prescreviam os medicamentos aos doentes. Outros cômodos, ainda, serviam como salas de aulas, de música, de esperanto, de alfabetização, ou como cozinha coletiva, moradia e oficinas culturais de reciclagem de material para a confecção de brinquedos e instrumentos musicais. Algum material de higiene, como por exemplo, sabonetes e detergentes, eles mesmos confeccionavam, de preferência ao

uso do sabão em pó e dos produtos de limpeza com os quais estamos acostumados, sabidamente de alto teor poluente e de envenenamento.

Na parte externa, no lugar dos antigos trilhos havia um parquinho com balanços, trepa-trepa, gira-gira, recebidos como sucata e recuperados pelos punks e onde brincavam as 50 crianças oriundas das famílias de ocupantes da Estação. Nesta área aberta realizavam suas festas e confraternizações, como por exemplo, a festa do dia das crianças. Em 13 de outubro de 2002, comemoraram a data proporcionando às crianças muita diversão. Com pouco dinheiro, que arrecadavam com a venda de faixas confeccionadas em suas oficinas improvisadas, as poesias distribuídas nas ruas, compraram doces e pequenos presentes para as crianças menores, além de terem lhes proporcionado muita diversão com a realização de maquetes de papelão representando as instalações da Estação. A importância deste projeto para os pequeninos é admitida por eles mesmos: “Gosto mais quando a gente brinca no parquinho, mas também quando eles arrumam coisas para a gente fazer os desenhos e as casinhas de papelão”.² A preocupação central, como se pode depreender, dirigia-se aos menores: “Através da arte de reciclar buscamos incentivar as crianças a despertar o interesse pelo reaproveitamento de materiais como garrafas *pet*, jornais, papelão e etc., para fazerem artesanalmente seus próprios brinquedos. Temos também uma parceria com o “Trilhães”, grupo de contação de histórias infantis, formado por estudantes da Unicamp, que tem como proposta o incentivo à leitura de forma mais descontraída, diferente da rotina escolar”³. Estas atividades aconteciam às quintas-feiras pela manhã, das 10 às 11hs e com o intuito de estimular a participação das crianças, eles as buscavam em suas casas e depois as devolviam. Com eles, as crianças brincavam e através do divertimento iam sendo alfabetizadas na língua materna, além de aprenderem uma língua universal, o Esperanto⁴. As atividades em geral também se destinavam aos adultos, como batuques, capoeira.

É importante frisar o quanto este tipo de ação se distancia daquela proposta assistencialista que tem sido a tônica das políticas

² “Grupo monta estrutura de comunidade”, Folha de São Paulo, 05/01/2003.

³ Desenvolvimento da criação. Periferia Central, Informativo dos moradores da Estação Okupada Mogiana, n 1, agosto de 2003.

⁴ O Esperanto foi criado por Zamenhof (1859-1918), judeu polonês, na tentativa de romper barreiras lingüísticas em todo o mundo. A língua teria sido apresentada ao público em 1887 e construída a partir de uma fusão de várias línguas, como o hebraico, latim, grego e outras línguas modernas. No Brasil, a difusão do Esperanto deu-se principalmente, nas organizações operárias que a incluíam nos seus projetos de educação.

públicas dos governos, geralmente ancoradas numa visão paternalista, hierarquizada, da classe dominante sobre os pobres. Ao contrário, como esclarece o Projeto Pomba Negra (documento escrito coletivamente) a proposta da ocupação objetivava a “construção de um conhecimento coletivo” através da arte e da educação como forma inclusive de retirada do “estigma social” que recai sobre os moradores do lugar, pelo resgate de sua auto – estima e pela recuperação dos seus direitos usurpados. O trabalho desenvolvido sempre assumiu uma clara conotação política, reforçada em *slogans* do tipo: “cultura não é comércio, nem assistencialismo.”

Os primeiros tempos da ocupação foram muito difíceis para a comunidade punk porque o estado de precariedade em que se encontrava o edifício, exigiu muitas reformas, pois o lugar não oferecia condições sanitárias satisfatórias; além disto, precisavam arrumar o telhado, puxar a água para dentro e, com estas medidas tornar o lugar minimamente habitável. Outros problemas surgiram e causavam transtorno suplementar, como o aparecimento de divergências internas no grupo a cobrar uma solução imediata, conflitos de convivência despontaram também com pessoas de fora, mas aparentemente souberam contornar os percalços e foram se instalando aos poucos.

Sobre um dos eventos realizados no espaço aberto da ocupação, obtivemos alguma informação pelo registro que fizeram em um de seus *zines* :⁵

“Realizamos no dia 1º de agosto em forma de resistência a um possível desalojo que ocorreria com a tomada de posse desta área pela prefeitura neste dia. Colaram alguns moradores e manos punks dos demais squats e outros lugares, houve troca de idéias, uma pequena roda de capoeira angola, terminando com uns goles e outros... Houve também um encontro de diversidades na Unicamp dias 18 e 19 de agosto do qual tivemos participando. Embora fizemos uma divulgação pequena comparada com a forma de divulgação de outras entidades e indivíduos que participaram da organização do encontro, os punks que colaram do interior e de sampa eram a maioria. O pau comeu com um sexista politiquero

⁵ Abreviatura de Fanzine, isto é, produção de caráter literário, político, musical, impressa como fotocópia e montada artesanalmente. Através deste material de produção independente os punks divulgam a sua cultura e expandem internamente ao grupo a sua rede de informação própria, pela troca inter grupos ou individual deste material. A maior difusão de fanzines passou a ocorrer por volta de 1983.

que tava na área, mas depois de sua saída o evento foi produtivo. Rolou troca de idéias e roda de capoeira angola, vídeos, esperanto, danças brasileiras, além de outras atividades. Em novembro pretendemos fazer um outro evento abrangendo outras atividades.”⁶ (sic)

Na verdade, entre este grupo de punks a questão da abertura para os de fora sempre constituiu assunto polêmico e muitos discordavam abertamente da convivência do grupo com os estudantes universitários que freqüentavam o lugar ocasionalmente ou para ali se dirigiam no intuito da realização de trabalhos de cunho social. Enquanto pobres, optaram pela convivência com os seus pares, isto é, a população do lugar com quem procuravam interagir na produção de cultura e conhecimento.

Enquanto boa parte daquela população ocupava um vasto terreno situado logo atrás do edificio construído à frente da entrada principal, depois dos trilhos, mais à direita; os punks instalaram-se no edificio principal dividindo espaço com alguns outros moradores. Quando chegaram, a parte junto aos trilhos era freqüentada por adictos no consumo de drogas não sendo raro presenciar-se cenas de violências o que descontentava a própria comunidade e os habitantes das adjacências, porque os assaltos, os roubos, tornaram-se assíduos e iminente o perigo. Depois da chegada dos punks e no curso das ações promovidas por eles junto à comunidade, houve uma sensível diminuição destes problemas, fato reconhecido até mesmo pelos vizinhos que perceberam, segundo os punks, o aspecto positivo das mudanças introduzidas desde então. Mas nem tudo eram flores no relacionamento com a comunidade local, pois por um bom tempo, esta se manteve avessa a um contato mais estreito com os punks recém-chegados. Um longo e paciente trabalho de construção de laços para um possível entendimento, teve início até que os primeiros moradores permitissem que seus filhos saíssem para brincar com os filhos dos punks. Eu seria incapaz de afirmar que tivessem obtido sucesso total na sua empreitada, pois nas poucas vezes que freqüentei o lugar entre os anos de 2002 e 2003, pude constatar a hostilidade por parte de alguns moradores dirigida não apenas à minha presença, mas principalmente, à dos punks. Talvez o desconforto fosse ocasionado pelo comportamento

⁶ *Pomba Negra*. Informativo do Squat Pomba Negra. O nome dado à ocupação foi Espaço Contra-Cultural Pomba Negra. O nome, segundo eles, possui um significado específico: a “Pomba é o ser que habita todas as partes da Estação. Negra por ser a única cor capaz de expressar nosso luto e tristeza” Cf. Projeto Pomba Negra de autoria do grupo e seus colaboradores. O nome substitui o de Mogiana, que é popularmente conhecido e utilizado pelo restante dos moradores, porque este foi o nome dado ao lugar pela “empresa inglesa que construiu a Estação (?). De todo modo, ao rebatizar o lugar os punks estavam efetivamente tomando posse da área.

crítico e irreverente dos novos moradores, principalmente pela atitude livre das mulheres, completamente desapegadas da idéia de constituir família ou mesmo de adotar vínculos estáveis com parceiros fixos, e, nestas condições optassem pela maternidade, exercida, ainda por cima, de forma nada convencional, sem enxergar nisto um empecilho para a adoção do amor livre, sem abdicar dos divertimentos.

Independentemente de uma ação pedagógica, digamos assim, mais próxima com seu público alvo, pudemos constatar as inscrições e desenhos que faziam nas paredes internas e externas do edifício, de grande potencial artístico e educativo. Na parede externa visível da área dos trilhos, havia, por exemplo, um desenho em tamanho natural retratando uma mulher sentada, quase despida, com as mãos para trás e o corpo atado por uma corrente que lhe prendia o pescoço e as mãos e depois, ligada a uma esfera de ferro. Ao lado da figura, uma citação de um texto de Emma Goldman que dizia: “Indiferente a todas as fronteiras artificiais entre direitos dos homens e direitos das mulheres [...] existe um ponto onde se podem encontrar e crescer num todo perfeito.”

Por tudo quanto foi levantado até aqui, podemos imaginar que os anarco-punks se percebem como promotores de ações culturais e de conscientização responsáveis pela melhoria das condições de integração da vida social daquela comunidade. Entretanto, não seria correto localizá-los como um marco quanto a estes referenciais para a vida daquele lugar, pois quando chegaram ali, os fundos da estação já assumia as feições de um verdadeiro bairro, nos seus perto de cinco anos de existência. É claro que desempenharam um papel fundamental, pedagógico, quando, por exemplo, procuravam inibir o consumo de drogas, o porte de armas, a violência das mães contra os filhos e quando intervinham nos conflitos internos e principalmente quando canalizavam as tensões internas para a luta conjunta pelos direitos.

O fato de, enquanto pesquisadora, optar pela investigação da atuação dos anarco-punks, não representa um desprezo pela cultura dos outros ocupantes, mas representa a busca de resposta às indagações postas pelos novos movimentos sociais. Estes aspectos, apesar de importantes, não cabem ser analisados aqui, pois desencadeiam uma discussão muito longa da qual apresentaremos apenas as linhas gerais mais adiante. Para o momento precisamos chegar ao desfecho da nossa breve história encerrada em 2004, quando aquelas populações foram

expulsas do lugar. O desalojo do conjunto da comunidade deveu-se às reivindicações da Universidade Estadual de Campinas sobre seus direitos de guarda da Estação Guanabara sob alegação de dar início, em breve, à construção de um Centro Cultural com base num projeto saído das mãos da arquiteta Lina Bo Bardi. A verdade é que, até o presente momento o prédio continua lacrado, abandonado e destratado e, neste caso, nada pode justificar a expulsão de famílias inteiras que foram atiradas à rua.

Uma lição para a história

A história da ocupação da Estação Guanabara, popularmente conhecida como Mogiana, abre para nós um amplo espectro de investigação. Eu começaria pelo próprio questionamento das políticas patrimoniais, tanto no que se refere à destinação, aos usos do patrimônio, como aos princípios que regem as revitalizações. Sobre o primeiro ponto, creio que seria importante revisitarmos o conceito de democracia numa abordagem de país com uma massa enorme de população vivendo em situação de completa miséria e considerarmos como séria a hipótese de uso destes bens culturais como moradia. Apesar da polêmica que esta questão levanta, não seríamos o primeiro país a abordar o assunto como uma saída na solução do problema de habitação. Se não pode ser boa a solução de ocupação do patrimônio cultural com esta finalidade, também não nos parece sensata a política de não se destinar nenhum a este fim. Entretanto, a adoção, por parte do poder público, de medidas desta natureza, consideradas tão radicais, exige um amplo debate que envolva toda a sociedade. O segundo ponto relaciona-se ao primeiro, uma vez que, o patrimônio é dirigido ao usufruto da burguesia, a sua recuperação termina por refletir o sentido estético desta classe, por isto não pode causar estranhamento que, na maioria das vezes, os edifícios históricos sejam revitalizados para o abrigo de museus, centros culturais, nos quais freqüentemente notamos a instalação de cafés decorados ao gosto europeu, sobretudo francês. Os espaços são higienizados, pintados em cores claras e a pintura confere uma continuidade entre os ambientes, como requer o gosto burguês moderno. As portas e janelas são repostas, refeitas e os edifícios reassumem aspectos de monumentos cuja função é a de narrar, não propriamente um passado que se pretende comum, mas

a história do vencedor e que através do monumento se impõe também como o narrador de uma história coletiva, sobre a qual reclama o controle absoluto.

Em contraposição a esta expectativa observamos o uso do imóvel pelos anarco punks. O prédio da Estação Guanabara em ruínas possuía um efeito pedagógico social que raramente notamos nos edifícios restaurados porque representava o retrato mais acabado das misérias da nossa sociedade e nisto a estética punk impressa ao conjunto é bastante eloqüente. Ela cumpre um efeito de continuidade histórica em longa duração que nos permite entrever memórias sobrepostas:



primeiramente, o processo de implantação do capitalismo no país com um sistema ferroviário e, em seguida, o desfecho deste processo que é a condição de indigência em que vive a maior parte da população deste país sob o regime capitalista. Aquele edifício, no seu atual estado representa um diálogo surdo de duas pontas de um mesmo processo.

A intervenção dos anarco-punks naquela ocupação também alertou para o papel do poder público nestes acontecimentos, sempre como representante de uma classe e não como se pretende um mero prestador de serviço para a sociedade. O mesmo poderia ser dito quanto ao papel desempenhado pela universidade, pois enquanto centro produtor de conhecimento não cumpriu a missão, prevista no âmbito da área de extensão, de comunicação e democratização do conhecimento. As falhas na relação entre universidade e comunidade foram apontadas por alunos e professores da Universidade Estadual de Campinas, muitos dentre eles, em contato permanente com comunidades de Campinas e região. Se algo pode causar maior estarecimento é o fato de tais acontecimentos terem se passado no momento em que assumia a presidência e a prefeitura da cidade o Partido dos Trabalhadores cujo projeto de governo visava os pobres.

Finalmente, é dentro deste quadro de preocupações que vemos a emergência dos movimentos sociais nas últimas décadas com

características tão peculiares, independentemente de uma auto-definição como anarquistas. O seu perfil ideológico parece bem demarcado, as suas ações caminham no sentido da contestação do *status quo* e da completa recusa do diálogo com as instituições, partidos políticos e até mesmo organizações não governamentais porque o conjunto destes organismos constitui mediação essencial na reprodução do sistema e qualquer tipo de negociação implicaria direta ou indiretamente na aceitação das regras do jogo. Há para estes grupos, a percepção de que não basta criticar com palavras, pois uma mudança só parece possível na negação completa do mundo e das relações sociais, tais como se apresentam, bem como em ações concretas que intentem a sua demolição. Por esta razão os valores supremos desta sociedade passam a ser questionados, como, por exemplo, a família formada com base no laço consanguíneo. Os anarco-punks formavam um grupo de homens e mulheres, nascidos em Campinas e também provenientes de outras cidades e do exterior, desprendidos de suas famílias originais, de idades que variavam entre 17 e no máximo 30 anos, que conviviam em regime de cooperação e igual divisão de tarefas e que adotaram o regime de amor livre nos seus relacionamentos. Alguns possuíam filhos, mas não eram casados. Notamos que o seu desenraizamento vai além da ruptura com o núcleo familiar original, mas se opera também em relação a um determinado território. Isto é, o que talvez melhor defina estes grupos seja a noção de bando nômade como prática inicialmente adotada por grupos politizados que pretendiam a invisibilidade com relação aos organismos de repressão para preservar seu anonimato e assim, dar continuidade a suas ações sem serem pegos pela repressão.

As novas gerações têm estabelecido suas formas de contestação pelo aprendizado com a rebeldia das gerações anteriores, as quais criticam e procuram ultrapassar em termos de métodos, de conceitos, evitando uma exposição excessiva que se revelou, na visão deles, contraproducente no passado. Assim, a comunidade punk opta por uma mobilidade permanente e seus membros nunca estabelecem residência fixa num lugar. Isto nos faz ver que o objetivo inicial da ocupação não era, especificamente para este grupo, o de tomar posse da área, mas simplesmente, ao ousar fazê-lo trazer à baila todas as contradições sociais que uma ação como esta enceta. Sem dúvida nenhuma, este tipo de ação nos alerta também, para uma, entre as várias contradições internas do movimento, pois o exercício da atividade do grupo implica na necessidade

de fixação em um lugar, em estabelecer um vínculo, por mais frágil que pareça, com a idéia de propriedade. Além disto, o mesmo dilema se apresenta quando pensamos nos limites postos pela reprodução incessante de grupos, pois esta tática pode acarretar, não como se pretendia uma proliferação da atitude punk e anarquista, mas o inverso, um recuo introspectivo. Isto parece uma realidade, tanto que é polêmico o assunto de uma abertura para os que não são membros da comunidade punk. Mas, estas questões de fundo ficam em segundo plano diante de um objetivo estratégico, que lhes parece mais importante atingir, que é o de provocar o choque e, por meio disto provocar um abalo nas estruturas.

Se a nossa sociedade valoriza o trabalho, eles o condenam como parte de uma engrenagem que move o capitalismo e promove a sujeição dos homens. Antes mesmo do aparato policial é o trabalho o maior instrumento de opressão de que dispõe esta sociedade, pois é a peça *sine qua non* de produção e reprodução das relações sociais, das hierarquias. Mesmo encontrando-se nos limites da sobrevivência esquivam-se, na maior parte dos casos, da aceitação do emprego tradicional. Não que vivam do ócio e da mera contemplação, mas procuram extrair a sobrevivência dedicando-se às atividades que julgam importantes como, por exemplo, a produção de uma forma alternativa de vida voltada para a produção artesanal dos elementos de primeira necessidade (uma horta, farmácia, produção de sabonetes), para uma produção cultural que seja o espelho de seu modo de vida (produção de música, poesia, pintura). Todas as suas ações têm como alvo a crítica ao capitalismo e o seu comportamento adquire para quem os observa um caráter de ensinamento sobre as possibilidades de vida e de existência, moral e material, fora das teias do sistema. Se, por um lado, para todos nós, parece impossível escapar completamente de uma situação que nos é dada de antemão, pois o grande elemento de troca, responsável pela sobrevivência é o dinheiro, por outro lado, o uso que fazem disto caminha na direção contrária a do lucro e do emprego no desnecessário.

Infelizmente, o espaço não permite uma abordagem mais aprofundada das questões expostas para uma conceituação das interpretações mais recentes acerca do conceito de anarquismo e de suas várias nuances e aplicações.

Para finalizar, retomo a colocação inicial com relação à construção da memória da cidade de Campinas e saliento a necessidade de incluímos

na sua história os recentes acontecimentos passados na Estação Guanabara. Uma história de pobreza, violência e descaso, mas diante da qual não se pode colocar o biombo do esquecimento. Infelizmente, se dependermos das ações do poder público na preservação desta memória, nada será proposto neste sentido, ao contrário, as paredes serão repintadas, áreas serão demolidas, as inscrições que cobrem as paredes serão encobertas e soterradas as marcas e as dores de um tempo que nos esforçamos por esquecer, sem conseguir de fato.

Bibliografia

- ABRAMO, H. W. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.
- ALVAREZ, Sonia E., DAGNINO, Evelina, ESCOBAR Arturo (org.). *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- Anais do Museu Paulista*, vários números.
- BACZCO, Bronislv. *Utopian Lights. The evolution of the idea of social progress*. New York: Paragon House, 1989.
- BAIESTORF Petter, SOUZA, Cesar. *Manifesto Canibal (uma declaração de guerra dos que nada têm e tudo fazem contra os que tudo têm enada fazem)*. Rio de Janeiro: Robson Achimé editor, 2004.
- BAKOUNINE, Michele. *Il Socialismo e Mazzini: lettera agli amici d'Italia*. Roma: F. Serantoni, 1905.
- _____. *Dios y el Estado*. Valencia: F. Sempere, s/d.
- BEY, HAKIM. *Taz: zona autônoma temporária*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil (Col. Baderna), 2001.
- BIVAR, A. *O que é punk?* São Paulo: Brasiliense (Col. Primeiros Passos), 1982.
- BORGES, P., COVRE, R. Tribos urbanas. *Libertárias* (Revista trimestral de Cultura Libertária), São Paulo, n 4, p. 30-32, 1998.
- CADERNOS AEL: *anarquismo e anarquistas*. Campinas: UNICAMP/IFCH, v. 8/9, 1998

- CAIAFA, J. *Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub.* Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio.* São Paulo: Estação Liberdade: Editora da Unesp, 2001.
- COSTA, M. R. *Os "carecas do subúrbio": caminhos de um nomadismo moderno.* Petrópolis: Vozes, 1993
- DAVIS, J. C. *Utopia y la sociedad ideal. Estudio de la literatura utópica inglesa, 1516-1700.* México: Fondo de cultura econômica, 1985.
- DEBÛ-BRIDEL, Jacques. *L'Actualité de Fourier. De l' utopie au fouriérisme appliqué.* Paris: Éditions France-Empire, 1978.
- FOGARTY, Robert S. *All Things New. American Commune and Utopian Movements, 1860-1914.* Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1990.
- GALLO, Silvio Donizatti de Oliveira. *Autoridade e a construção da liberdade: o paradigma anarquista em educação.* (Tese de Doutorado), FE/Unicamp, Campinas, 1993.
- GENNARI, Emilio. *Chiapas: as comunidades Zapatistas reescrevem a história.* Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.
- GRAVE, J. *Le mouvement libertaire sous la 3^{ème} république.* Paris: Les Oeuvres Re présentatives, 1930.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Trem Fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva.* São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *Nem pátria, nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil.* São Paulo: Brasiliense, 1984.
- KROPOTKIN, Peter. *O Anarquista: suas bases científicas, sua filosofia, seu ideal, seus princípios econômicos.* São Paulo: Unitas, 1933.
- _____. *Lavoro intellettuale e lavoro manuale.* Milano: EditriceSociale, 1922.
- _____. *A conquista do pão.* Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- _____. *El apoyo mutuo: un factor de la evolution.* Barcelona: B. Bauza, 19?.
- LEUENROTH, Edgar. *Anarquismo: roteiro da libertação social. Antologia de doutrina crítica-histórica-informações.* Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963.
- LORWIN LEWIS, L.. *História del Internacionalismo obrero.* Santiago do Chile: Ercilla, 1937.
- LUDD, Ned (org). *Apocalipse motorizado: a tirania do automóvel em um planeta poluído.* São Paulo: Conrad Editora do Brasil (Col. Baderna), 2004.
- GRUPO KRISIS. *Manifesto Contra o trabalho.* São Paulo: Conrad Editora do Brasil (Col. Baderna), 2003.

- KHOURY, Y. A. A poesia anarquista. In *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 8, nº 15, pp. 215-247, fev. 1988.
- MALATESTA, Errico. *Communismo Libertário*. Rio de Janeiro: Minha Livraria, s/d.
- MALATO, Charles, GRAVE, Jean. *As theorias anarquistas: estudos filosófico-sociais*. Porto: Almeida/Sá, 1909.
- MATTOM, Robert. H. *The Companhia Paulista de Estradas de Ferro, 1868-1900*. 1971 (Tese de PHD), USA.
- MATTOS, Odilon Nogueira de. *Café e ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira*. São Paulo: Arquivo do Estado/SP, 1981.
- MCNEILL, L., MCGAIN, G. *Mate-me por favor: uma história sem censura do punk*. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- MUELLER, Helena Isabel. *Flores aos rebeldes que falharam: Giovanni Rossi e a utopia anarquista: colônia Cecília*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.
- OITICICA, José. *Ação direta (meio século de pregação libertária)*. Rio de Janeiro: Germinal, 1970.
- PALMER, Bryan de. *Descent into discourse: the reification of language and the writing of social history*. Philadelphia: Temple University Press, 1990.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra (Oficinas da história), 1988.
- PRADO, Antonio Arnoni (org.). *Libertários no Brasil: memórias, lutas, cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PRADO, Antonio Arnoni, HARDMAN, Francisco Foot (orgs). *Contos Anarquistas: antologia da prosa libertária no Brasil (1901-1935)*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PROUDHON, P. J. *El Estado*. Buenos Aires: Tor, s/d.
- _____. *Qué es la propiedad?: investigaciones acerca de su principio, de su derecho y de su autoridad*. Valência: F. Sempere, s/d.
- _____. *Sistema de las contradicciones economicas o filosofia de la miseria*. Buenos Aires: Americalee, 1945.
- QUEIROZ NORTE, Sérgio Augusto. *Ars Anarchia – arte, vida e rebeldia*. In *Revista Brasileira de História*, vol. 18, nº 35, pp. 133-164, 1998.
- RESZLER, A. *L'esthetique anarchiste*. Paris: Presses Universitaires de France, 1973.
- SAES, Flavio Azevedo Marques de. *As ferrovias de São Paulo, 1870-1940*, São Paulo: Hucitec (Brasiliana), 1981.
- SÃO PAULO (cidade). Secretaria municipal de cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania/DPH*. São Paulo: DPH, 1992.

- SEGUINI, Liliana R. Petrilli. *Ferrovia e ferroviários: uma contribuição para a análise do poder disciplinar da empresa*. São Paulo: Editora Autores Associados e Cortez Editora, 1982.
- SERGEANT, Alain, HARMEL, Claude. *Histoire de l'anarchie*. Dôle: Le Portulan, 1949.
- SERGEANT, Alain. *Un anarchiste de la Belle Époque: Alexandre Jacob*. Paris: Seuil, 1950.
- SERVIER, Jean. *Histoire de l'utopie*. Paris: Gallimard, 1991.
- TURRA NETO, Nécio. *Enterrado vivo: identidade punk e território em Londrina*. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.
- VANEIGEM, Raoul. *A arte de viver para as novas gerações*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil (Col. Baderna), 2002.

Fontes

Abaixo Assinado contendo reivindicações dos moradores da Estação Guanabara e dirigido à Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP

Boletins Suba (Unicamp)

Carta de Exigências à Unicamp. Espaço Cultural Pomba Negra

Carta de solidariedade aos moradores da Vila Mogiana endereçada ao Exmo. Sr. reitor Carlos Henrique de Brito Cruz, ao Exmo. Sr. pró-reitor de Extensão e à Comissão do Projeto do Centro Cultural da Unicamp. Sem autor, sem data.

Carta do I Fórum Social Capixaba à Universidade Estadual de Campinas. Vitória (ES), 24 de novembro de 2002

Centro Cultural Unicamp: Revitalização do Espaço Urbano ou Homicídio Cultural????????

Convite para a festa do dia das crianças em 12 de outubro de 2003.

Correio Popular(Campinas)

Estatuto da Companhia paulista de Estradas de Ferro de Jundiaí à Campinas. São Paulo: J. R. de Azevedo Marques, 1868.

Feniksonigra (jornal anarquista de Campinas)

Folha de São Paulo (SP)

Fotos feitas no dia da manifestação contra a Unicamp e contra o desalojo em 26 de setembro de 2003, no Largo do Rosário (Campinas)

Fotos feitas no dia dia do desalojo, em 2004 na Estação Guanabara.

Jornais e outras fontes do AEL (Unicamp)

La Poema. Ruínas, Cantos e Becos, São José dos Campos/Campinas: Livre Associação de Poetas Marginais, 2001.

La Poema. Ramificações. Coletânea marginal de expressões a-poéticas & anti-artísticas concluída após um longo período de emcalhamento e saindo com a mesma intensidade visceral do surgimento do Projeto de Livre Associação, Campinas, 2003.

Manifesto Contra o Desalojo na Mogiana

Periferia Central. Informativo dos moradores da Estação Okupada Mogiana, n. 1, agosto de 2003.

Pro FEPASA: Programa de Consolidação e Expansão da Ferrovia Paulista. São Paulo: Secretaria de Transportes, 1972.

Projeto PombaNegra. De autoria dos anarco-punks e de seus colaboradores

Relatório da diretoria da Companhia Mogiana para a Assembléia Geral de 17 de maio de 1896. São Paulo: Typ. da Indústria de São Paulo, 1896.

Resgate das Ervas

Zines, fotos e demais documentos sobre o anarco-punk e material anarquista do Centro de Cultura Social em São Paulo